

**DIÁLOGOS ENTRE *OS MAGROS* E *O PATRÃO*:  
REPRESENTAÇÕES E PODER**

Rita Lirio Oliveira\*  
Alvanita Almeida Santos\*\*

**RESUMO:** Este artigo tem por escopo analisar os romances *Os magros* (1992) e *O patrão* (1978), do autor sul-baiano Euclides Neto (1925-2000), quanto à temática das representações dos trabalhadores rurais grapiúnas, bem como a inter-relação dessas representações com a história e com as relações de poder. Para tanto, utiliza-se metodologicamente a abordagem transversal do texto literário proposta pelos Estudos Culturais. O aporte teórico se desenvolve tomando por base as discussões teóricas de Hall (1997), cuja acepção de representação se refere a um processo de construção simbólica, ideológica e mental que se compartilha socialmente; Foucault (2014), considerando as suas discussões sobre o poder disciplinar nas sociedades capitalistas; e Nietzsche (2005), acerca do caráter descontínuo da história. Chega-se à conclusão de que as narrativas euclidianas possibilitam perceber o outro, o trabalhador rural, subalternizado, no contexto cultural e histórico da região cacaueira sul-baiana do século XX, pelo viés marxista.

**PALAVRAS-CHAVE:** História; Poder; Representações.

*É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos*  
(WOODWARD, 2008, p. 17).

---

\* Mestra em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc). Doutoranda em Letras: Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (Ufba).

\*\* Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (Ufba). Professora da Ufba.

O escritor sul-baiano Euclides Neto (1925-2000) edificou a sua obra literária basicamente na luta de classes entre os abastados e a plebe operária, tendo por cenário as roças de cacau do Sul da Bahia, tema que se tornaria, como bem explicita Cesar (2003), o seu *leitmotiv*, ou seja, objeto de clara insistência que envolve uma significação especial em representar e narrar a saga de homens que habitaram aquele pedaço de chão.

Cidadão de formação e militância político-ideológica social-marxistas, Euclides enfeixa e expõe em sua obra os embates decorrentes dos contrastes e da exploração do homem simples pelas elites detentoras das riquezas e da propriedade, tomando partido, do lado mais frágil, do trabalhador rural, do subalterno. O termo subalterno deve ser entendido neste ensaio, numa concepção spivakiana, como “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2000 apud ALMEIDA, 2014, p. 13-14).

Dada a relevância do autor para os estudos literários baianos, este ensaio busca analisar comparativamente duas de suas obras *Os magros* (1992), publicada pela primeira vez em 1961, e *O patrão* (1978), quanto às representações dos trabalhadores (as) rurais grapiúnas e, ainda, as inter-relações dessas representações à história e às relações de poder, a fim de evidenciar que a contribuição de Euclides Neto se amplia também enquanto discurso cultural e histórico.

Busca também problematizar, pensar essas representações, como possibilidade de se ler “o outro” subalternizado, entendendo que Euclides era um intelectual que buscava, por meio de seus textos ficcionais, dentre romances, contos e crônicas, dar visibilidade aos excluídos, embora o autor pertencesse a uma classe alta, uma vez que era proprietário de fazenda no município de Ipiaú (BA), criador de gado e cabras, advogado e político.

Para a professora de Sociologia da UESC/BA, escritora, editora e estudiosa da região cacaueira, Maria Luíza Nora, em sua apresentação da terceira edição de *Os magros*, de 2007, Euclides Neto é uma das poucas pessoas que é capaz “de dar uma parte de sua vida a uma causa nobre: no caso em questão, denunciar as disparidades, as injustiças sociais, e

trabalhar em prol de uma melhor distribuição de renda, do combate à miséria e à exploração” (NORA, 2014, p. 174). Assim, importa destacar a relevância desse autor enquanto intelectual engajado com as questões políticas e ideológicas presentes no contexto sócio-histórico no qual estava inserido.

Parafraçando a cronologia – anexada em seus romances reeditados em 2013 pela EDUFBA (Editora da UFBA) e Littera (São Paulo), a qual auxilia o leitor a entender a biografia do autor, suas publicações e momentos históricos que marcaram o cenário político e social do Brasil, da Bahia e do mundo e que influenciaram sobremaneira as escolhas ideológicas do escritor – em 1962, após o lançamento de seu terceiro livro *Os magros*, o autor tem uma efetiva participação política pelo PDC (Partido Democrático Cristão), vencendo a eleição para prefeito da cidade de Ipiáú (BA), considerada, carinhosamente, pelo mesmo como sua cidade natal.

De 1950 a 1962, o autor exerce a advocacia em tempo integral nessa cidade e passa um tempo curto em Salvador (BA), substituindo o amigo Ângelo São Paulo, em escritório de advocacia. No contexto político brasileiro, há intenso desenvolvimento e esperança com a presença do Presidente Juscelino Kubitschek (1956-1961) e o desenvolvimento de seu Plano de Metas “50 anos em 5”. O Brasil é considerado o país do futuro.

Entre os anos de 1961 e 1964, o país teve 2 presidentes eleitos e um interino: Jânio Quadros, eleito em 1960, renunciou em 1961 (governou durante menos de 7 meses); Ranieri Mazzilli – ficou de agosto até setembro de 1961 como interino, pois o vice-presidente, João Goulart, que deveria assumir após a renúncia de Jânio, estava na China, além do fato de que desde ali os militares já se opunham a que ele assumisse. Goulart assume em setembro de 1961 e governa até o golpe militar de 1964, quando será deposto.

A partir de 1964, a ditadura militar é instaurada no país, com a deposição de João Goulart. A Presidência da República passa a ser assumida por Marechal Humberto Castelo Branco. É ainda nesse ano que o político Euclides Neto, influenciado por ideais socialistas, cria a Fazenda do Povo, projeto pioneiro de reforma agrária no Brasil, sendo acu-

sado de comunista e por isso responde a um Inquérito Político Militar, finalizado em dezembro de 1965.

Ainda em 1965, Ipiáú recebe o prêmio de Município-Modelo do Estado da Bahia, tendo em vista seu desenvolvimento nas áreas socioeconômicas; premiação concedida pelo Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário (INDA). Euclides Neto finaliza o seu mandato de prefeito em 1967, mas continua engajado nas questões políticas, fazendo parte do MDB (Movimento Democrático Brasileiro, posteriormente PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro), em oposição política ao governo militar.

Entre 1968 a 1977, o autor sul baiano advoga e faz várias viagens, entretanto, a partir do fim da década de 1970 e meados de 1980, produz de maneira intensa várias obras literárias. Em 1978, produz *O patrão*, quarto romance, dando início a uma nova safra de obras literárias. Já 1979 foi um ano marcado pela extinção do MDB e criação do PMDB e ainda pela concessão da anistia aos presos e exilados políticos concedida pelo presidente João Batista Figueiredo.

Como intelectual engajado com as questões supracitadas, dono de uma ideologia marcadamente socialista-marxista e intérprete das questões culturais, políticas e históricas, imbricadas às relações e comportamentos sociais dos sujeitos grapiúnas, o escritor traz o seu olhar, a sua interpretação sobre tais questões, de modo que não há neutralidade no que diz respeito às representações do homem-trabalhador-grapiúna presentes em suas narrativas ficcionais.

Considerando-se esse aspecto da atuação de Euclides, concorda-se com Sartre (1993), cuja discussão aborda um modelo de intelectual engajado, o intelectual-escritor não é neutro diante da realidade histórica e social. Para o autor, “O escritor “engajado” sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar” (SARTRE, 1993, p. 20). Nesse sentido, é impossível manter o sonho da imparcialidade diante da existência humana, num contexto social marcado pelo capitalismo. Ainda argumenta, “a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele” (SARTRE, 1993, p. 21).

Na continuidade das reflexões deste ensaio, ainda buscando-se situar o viés teórico pretendido, é importante salientar que para se estabelecer uma análise temático-comparativa bem sedimentada entre as obras citadas, a perspectiva de abordagem textual e teórica se baseia nos Estudos Culturais, por seu caráter interdisciplinar e transversal, possibilitando que o discurso literário dialogue com outras esferas culturais do saber.

A discussão acerca do conceito “representações” encontra espaço, principalmente, nas pesquisas do teórico cultural jamaicano Stuart Hall (1932-2014), para quem questões como poder, extensão global, capacidades de realização histórica do capital, classe social, os relacionamentos complexos com o poder, colocadas em pauta pelo projeto político do marxismo, influenciaram sobremaneira os estudos culturais e a ele mesmo num primeiro momento (HALL, 2003).

No entanto, o teórico amplia as discussões marxistas naquilo que elas não privilegiavam como estudo, tais como a cultura, a ideologia, a linguagem e o simbólico. Sendo assim, neste ensaio, as representações são consideradas como uma construção simbólica, ideológica e mental que se compartilha socialmente. Isso denota a própria interação que os indivíduos mantêm com a representação, tomada por meio da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais dos indivíduos.

Para Hall (1997), a representação só pode ser adequadamente analisada em relação às verdadeiras formas concretas assumidas pelo significado, no exercício concreto da leitura e interpretação. Dentre essas formas materiais, destacam-se os sinais, os símbolos, as figuras, as palavras e sons, **as narrativas** – forma concreta do *corpus* deste debate –, em que circula o significado simbólico.

É importante ressaltar que um acontecimento ou um objeto pode ter várias interpretações, vários sentidos. De acordo com Deleuze (1976), em seu texto *Nietzsche e a filosofia*, o sentido é uma noção complexa, pois há uma pluralidade de sentidos, um complexo de sucessões e de coexistências que faz da interpretação uma arte. Compreende-se, então, que o autor apresenta alguns sentidos possíveis nas representações desses sujeitos sociais, considerando a sua linguagem peculiar, os conflitos, medos, perspectivas de vida,

o seu lugar numa sociedade que se divide em classes, em que a disputa pelo poder é bastante acirrada.

É possível perceber que as narrativas de *Os magros* (1992) e *O patrão* (1978) são pautadas nas reminiscências individuais e coletivas de Euclides Neto, contemporâneo de circunstâncias regionais ocorridas na história sul-baiana, valendo-se do que muito viveu e ouviu contar nas suas conversas com a gente simples do município de Ipiaú e arredores. Pode-se dizer que o escritor baiano traz, subjacente em seus textos, uma crítica à história que silencia a voz daqueles que estão à margem da sociedade capitalista cacauceira.

A partir do final do século XIX e início do século XX, a região sul da Bahia passou a ser vista como o Eldorado, época em que milhares de pessoas vinham de várias partes do país, principalmente de Sergipe, atraídos pela fama de riqueza vinculada à árvore dos frutos de ouro. Na visão de Rocha,

Os principais estados produtores de cacau do Brasil, Bahia, Amazonas, Pará, Espírito Santo, Rondônia e Mato Grosso, viveram e vivem altos e baixos na produção e exportação desse produto agrícola. No caso específico do Sul da Bahia, principal área produtora do Estado e do país, a região vivenciou uma fase de prosperidade sem precedentes, que se estendeu da segunda metade da década de 1970 até meados da década de 1980, período após o qual emergiu numa situação de grandes dificuldades (ROCHA, 2008, p. 14).

Ainda para esta pesquisadora dos aspectos geográficos, históricos e identitários formadores da Região Cacauceira da Bahia, também denominada nos dias atuais por Mesorregião Sul Baiano, a cultura do cacau que foi introduzida a partir do século XVIII passou a ser a razão de ocupação de novas terras e responsável pela formação de classes socioeconômicas, constituídas por coronéis, comerciantes, trabalhadores das lavouras de cacau e pelos jagunços considerados “guardiões das roças e cacau e de seus senhores”.

Nesse sentido, constata-se que Euclides Neto lança um olhar próprio sobre a realidade da região cacauceira sul-baiana, em que a história é apresentada sob a perspectiva dos trabalhadores rurais, muitas vezes oprimidos, subalternizados, possibilitando uma espécie de “contra-história”. Entende-se que o autor, por meio de sua literatura, contextual-

lizada em uma época e espaço específicos, coloca o trabalhador rural em cena, o que oportuniza ao leitor pensar esse “outro”, representado simbolicamente e por muito tempo silenciado pelas forças hegemônicas, num levante marcado pela resistência.

Os romances ora analisados abordam, sobretudo, as relações de classe entre o patrão e os trabalhadores rurais, permeadas pelas relações de poder, numa sociedade em que os papéis do homem e da mulher são vivenciados, mostrando as desigualdades resultantes das relações de domínio e opressão. Nessa esteira,

As relações sociais estabelecidas entre a figura do coronel e a figura do trabalhador eram consequências diretas da lei do cacau: o coronel, que tinha o cacau, exercia o poder, a palavra final, enquanto o trabalhador vivia em situação de extrema exploração social, exercendo, em alguns momentos, o poder da resistência [...] (CIDREIRA DE JESUS, 2011, p. 93).

É o que se percebe na narrativa *Os magros* (1992), cujo título anuncia a saga vivida pelos esqueléticos João, sua esposa Isabel, seus oito filhos vivos entre os quinze que tiveram, a cadela Sereia e a galinha Bordada, em situação de miserabilidade, totalmente oposta à do clã do Sr. Jorge, seu patrão, dona Helena, sua “filha-boneca” Rose Marie e seus empregados, que viviam em um palacete em Salvador (BA), com muita fartura e opulência. Escrito com a técnica do contraponto, a narrativa se desenvolve em capítulos intercalados que mostram as disparidades ferrenhas entre as condições de vida dessas personagens.

João, protagonista da obra, era agregado<sup>1</sup> da Fazenda Fartura, no município de Ipiáú, mas, ao contrário do que propunha o nome da fazenda, ironicamente, ele e os seus viviam em condições de extrema miséria, passavam fome, vestiam-se em trapos. O único sonho do trabalhador era obter dignamente o mais importante instrumento de trabalho,

<sup>1</sup>Bras. Trabalhador rural que reside em terra alheia e a cultiva, sob condições estabelecidas pelo proprietário (DICIONÁRIO AULETE DIGITAL).

um facão, pois o seu já se tornara “língua de teiú<sup>2</sup>” e já não servia para nada. Precisava dar uma vida mais digna aos seus filhos, a exemplo de Aprígio, o menor, que parecia uma assombração de tão magro e doente. Mesmo apanhando dos pais, para saciar a fome que o corroía, comia constantemente torrões de terra.

O medo e a angústia do agregado cresceram ainda mais, após o suicídio do trabalhador Inácio, o qual foi desmascarado diante de toda a comunidade, por haver subtraído alguns quilos de cacau. A narrativa desse episódio se dá de modo bastante dramático, em que “a mutilação do subalterno pelo preposto do patrão chega ao paroxismo, o esmagamento total da personalidade” (CÉSAR, 2003, p. 109).

Tamanha era a vergonha e o arrependimento do tropeiro<sup>3</sup> que roubara, inicialmente para comprar remédios para o filho doente, depois para completar a feira, comprar uma chita estampada de florão para a sua esposa. A morte de Inácio, que foi encontrado enforcado, pendido em uma árvore, sequer sensibilizou o gerente: “Serve de exemplo. Se todo ladrão se enforcasse... nunca mais rouba ninguém, disse Senhor Antônio” (NETO, 1992, p. 143).

O agregado João tinha ódio de Seu Antônio, o gerente da fazenda, e das suas condições precárias de trabalho, no entanto não conseguia se manifestar, mantendo-se submisso à realidade dura que se lhe apresentava, mesmo após a morte do seu “menino” e diante de tanta fome e miséria a que deveria resistir, juntar forças para continuar trabalhando e comprar o seu facão, como se vê no excerto abaixo:

João engoliu o bolo de ódio. Sentia que tinha medo da chuva, de ir beber água quando tinha sede, de fazer cigarro quando queria pitar, de ser encontrado trabalhando com aquele facão quando precisava trabalhar. Não é que fosse medroso. Mas por todo canto havia um perigo, receios ocultos e dissimulados. Sem falar no pavor que sentia de ser posto pra fora [...].

---

<sup>2</sup>Facão de folha fina pelo uso prolongado (NETO, 2013, p. 77).

<sup>3</sup>O que conduz o cacau mole ou seco nos burros. O segundo tem melhor hierarquia social que o primeiro (NETO, 2013, p. 105)

E ainda faltava pagar o dinheiro do funeral, para depois comprar o facão. Dois meses de fome, de barriga pregada no espinhaço. Carne desaparecendo na terça-feira. Farinha escassa para nove bocas. Mas teria que comprar o ferro de qualquer jeito. Nem se lembrava mais do filho morto (NETO, 1992, p. 63).

O contexto histórico-social, no qual a narrativa se insere, está marcado pela exploração da força dos trabalhadores rurais das roças de cacau que moravam em fazendas, em péssimas condições de moradia e de alimentação. Tinham uma longa jornada de trabalho, muitas vezes em péssimas condições, exerciam trabalhos braçais árduos na plantação e colheita do cacau, “o fruto de ouro”, recebendo em contrapartida salários ínfimos que não lhes garantiam condições de uma vida digna e justa.

Nesse sentido, a narrativa ficcional traz à tona representações dessas questões sociais, à medida que João e demais trabalhadores da fazenda “Fartura” trabalham nus, de baixo de chuva, sob a supervisão do gerente, Seu Antônio, a fim de garantir que os cacauzeiros não morressem embebedados:

João sentia as forças esgotarem-se. Gradativamente, batia o ferro com menos intensidade. Felizmente já tinham aberto uns cem metros de valeta, e a água corria livre, barrenta, levando mil detritos. Talvez no fim da semana já estivesse terminado aquele trabalho. Se ao menos começasse mais tarde e deixasse mais cedo, seria melhor. Mas o horário continuava o mesmo. Cedo, mal a manhã escapulia da escuridão, já o búzio tocava. Parece até que, devido à pressa em salvar as plantações, o serviço começava mais cedo. À tarde, somente quando a noite vinha como um pano negro ensopado, é que o horário acabava. Os homens deixavam os pântanos de braços cruzados, contraídos, cabeça enterrada no pescoço como se procurassem um pouco de quentura. Todos iam calados, passadas incertas, em fila. Desprendiam aquele vapor de bicho suado. Ao chegarem em casa, tiravam os trapos, punham-nos a secar e fechavam-se no quarto [...].

As chuvas continuavam insistentes, agravadas com a lama e o serviço dentro do charco. Os cacauzeiros não podiam morrer. Precisavam ser salvos, custe o que custasse. Onde já se viu agregado deixar de trabalhar por causa da chuva? Ainda mais quando estava em jogo grande parte de uma roça nova, de um ano, bonita de fazer gosto, toda pegada! (NETO, 1992, p. 117-118).

São perceptíveis aqui a crítica e a ironia do narrador quanto à situação do subalterno levado à condição de bicho, a mais desumana possível. É um olhar crítico para as tensões e conflitos notórios na região cacauceira sul-baiana, capitalista, em que homens eram vistos como objetos e meio “barato e fácil” para garantir aos proprietários o lucro e a manutenção do poder.

Na visão de César (2003), o escritor enceta a história não mais do auge da cultura cacauceira, mas da sua decadência, iniciada quando o proprietário, herdeiro do antigo coronel, vive fora das fazendas, geralmente em Salvador, numa luxuosa mansão e entrega os cuidados da terra ao capataz, aguardando apenas o recebimento dos lucros em sua conta bancária. Euclides demonstra, nesse episódio, o quanto essa gente sofrida padecia sob o jugo dos poderosos fazendeiros, que se impunham pela autoridade mediante a violência e a ameaça temerária, enquanto gozava dos prazeres proporcionados pela força do trabalho que explorava.

Tomás, protagonista de *O patrão*, diferentemente de João, o qual, apesar do desejo de vingança, mantinha-se em sua condição de aniquilamento, representa o sujeito que, cansado de ser explorado e de viver numa condição de miséria, resolve tomar uma decisão, respondendo às injustiças do latifúndio:

O vaqueiro do Senhor Casimiro tomara mesmo a resolução. Venderia cinco vacas das velhas, gabarrentas<sup>4</sup>, de peitos perdidos. Ficaria com o dinheiro de uma. Há muito vinha se queixando ao patrão que o ordenado não dava. Em casa eram dez bocas para dar de comer; com ele e a mulher, doze. Bem verdade, que poderia tirar uns litros de leite, a fim de completar a ração; mas, na hora de comprar o metro de pano, a coberta dorme-bem, uma bobagem qualquer, cadê o dinheiro? Quando os meninos eram menorezinhos, iam ficando buguelos, as meninas com calcinhas encardidas. As mais velhas – por falta de sorte eram as fêmeas – já tinham virado mulher. Queriam vestido e não podiam aparecer assim sem roupa (NETO, 1978, p. 5).

---

<sup>4</sup>Bovino que desenvolveu calos entre as unhas, dificultando a locomoção. Sequela de febre aftosa ou pisoteio em terrenos pedregosos. Rês com pouco valor, refugio de gado (NETO, 2002, p. 61).

Assim, as condições precárias de sobrevivência, sem ter ao menos o que comer e o que vestir, aliadas ao desdém de seu patrão, fazem com que o vaqueiro, mesmo relutante, tomasse essa decisão. No entanto, não se pode deixar de reconhecer a influência que exerceu Felipe sobre o trabalhador. Com ideias bastante revolucionárias e socialistas, esse companheiro novato do Poço Fundo esclarece aos trabalhadores rurais sobre os direitos trabalhistas que já os assistiam e eles desconheciam.

Felipe é uma das poucas personagens que representam um sujeito engajado socialmente, foge dos padrões socioeconômicos estabelecidos em uma sociedade notoriamente marcada pelo patriarcalismo, abrindo uma fissura na ordem instituída e desestabilizando a hierarquia patriarcal. Em *Os magros*, é Sarará, o único trabalhador rural a questionar sobre as condições de trabalho e exploração. Influenciado por Mário, trabalhador vindo do sul do País, que sabia ler e escrever e possuía um conhecimento acerca da mais-valia, Sarará questiona a propriedade e o lucro, ao comentar sobre o suicídio de Inácio:

- Um pobre pai de família fazer uma desgraça dessa por causa de meia dúzia de quilos de cacau. Tudo isso está errado. Dário é que tinha razão, no dia que todo trabalhador se juntar não haverá mais dessas coisas. Nós vamos buscar o nosso... E nós que plantamos, colhemos e secamos recebemos menos de cem cruzeiros. É ou não furto?
- Pensando bem... ponderou um agregado novato.
- Furto... E se eles roubam da gente, nós também temos o direito de tirar deles. E se todos nós tirássemos, de uma só vez, eu queria ver feio nem bonito. A fazenda é de um e nós somos muitos [...] (NETO, 1992, p. 144).

No entanto, Felipe, diferentemente de Sarará, que apenas questionava, propunha aos outros trabalhadores rurais uma estratégia de resistência aos mandos e desmandos dos coronéis, mostrando-lhes que poderiam mudar as suas condições sociais, enquanto sujeitos de direito.

Embora detentor de uma linguagem mais apurada, Felipe adaptou a sua linguagem para que os trabalhadores rurais empregados na fazenda do Sr. Casimiro, inclusive To-

más, pudessem entender que estavam sendo roubados, explorados pelos empregadores rurais, uma vez que estes não cumpriam as leis trabalhistas vigentes:

Agora vinha aquele liga dizer que não era roubo tirar alguma coisa do patrão, se este não pagasse férias, décimo terceiro mês e o tal descanso.

– Pois é. Quem trabalha tem direito a receber no fim do ano um mês de serviço.

– Mas sem fazer nada?!

– Nadinha. É só chegar ao patrão e dizer: Olha, eu quero minha gratificação de Natal [...].

– Exploração, não. É a Lei do País. Lei que os homens grandes fizeram (NETO, 1978, p. 10-11).

Essa espécie de "inculturação" de Felipe, adaptando-se à linguagem dos trabalhadores rurais grapiúnas, como estratégia para se fazer entender e convencer, vai ao encontro do conceito de representação proposto por Hall (1997), para o qual a representação liga o significado e a linguagem à cultura. Desse modo, representar é utilizar a língua ou a linguagem para dizer algo significativo sobre algo ou para representar o mundo de forma significativa para outras pessoas. Noutras palavras, representar é produzir significados por meio da linguagem.

Seguindo na análise das duas narrativas, ambas exploram as tensões e conflitos que surgiam dessas questões de classe. Sr. Jorge e seu capataz, Sr. Antônio, bem como Sr. Casimiro, representam sujeitos dominadores e opressores em suas relações sociais. Os proprietários de terra eram homens de padrão socioeconômico elevado, tinham carro de luxo, amante trazida do Rio, palacete na Capital. Este era colecionador de joias, sua esposa, dona Helena, era gorda e sedentária, cujo passatempo preferido era cuidar da Rose Marie, uma boneca que amava como filha; aquele perspicaz nos negócios agropecuaristas, esperto com advogados e astuto na busca e apreensão de ladrões de gado na região caueira. Já desconfiado do roubo de Tomás, o patrão esbraveja:

– Cambada de preguiçosos, ladrões. Rua... rua!... E quem quiser procure Sindicato. Tudo para o inferno!

Foi esbregue para todo mundo: de mamando a caducando. Até os meninos ficaram assustados. Tomás abaixou a cabeça e João ouviu aquilo tudo aceitando para si parte das palavras ásperas [...].

– São uns ladrões. Todos querem roubar o que é meu. Isto aqui me parece uma fazenda de viúva (NETO, 1978, p. 70).

O excerto acima traduz o pensamento de Rocha-Coutinho (1994), a qual afirma que os sistemas simbólicos e os aparatos conceituais vêm sendo construídos tendo por padrão o homem, bem como têm sido criações masculinas, em razão de os homens deterem as posições de poder e os postos-chave de comando na estrutura social. Para tanto, recorre-se principalmente à linguagem, vez que esta constrói os significados e as práticas sociais. Através da codificação desses significados, a linguagem pode se tornar tanto um mediador das relações interpessoais, quanto uma força de perpetuação dessas relações, codificando e reforçando as diferenças de poder.

A linguagem usada pelo patrão serve, então, como um dos mecanismos usados para reforçar seu poder, a fim de manipular os trabalhadores e trabalhadoras rurais, levando-os a pensar que as relações desiguais advindas dessa convivência, é algo inevitável, algo natural. Januário é outra personagem em *O patrão* que se opõe ao discurso proposto pelo dominador. Apesar de aparecer muito pouco na narrativa, marca-a com sua célebre frase, encontrada em vários trechos do romance: “O risco que corre o pau corre o machado” (NETO, 1978, p. 44; 78; 99), dita ao Sr. Casimiro, após uma severa discussão.

O trabalhador rural enfrenta o patrão, releva a ameaça de morte e vai à procura do Sindicato dos Trabalhadores em Ipiaú. O patrão pensa em prender Tomás, confiná-lo em uma prisão, entretanto, resolve desmascará-lo para que nenhum outro trabalhador rural fizesse o mesmo. Teria que discipliná-lo, amansá-lo, pois temia a resistência, a luta dos outros trabalhadores, a perda do seu poder disciplinar. Esse poder foi um instrumento relevante na formação do capitalismo:

Trata-se de um mecanismo que permite extrair dos corpos tempo e trabalho mais do que bens e riqueza. É um tipo de poder que se exerce continuamente através da vigilância [...] que supõe mais um

sistema minucioso de coerções materiais do que a existência física de um soberano (FOUCAULT, 2014, p. 291).

Assim, em uma sociedade capitalista cacauceira, os trabalhadores deveriam ser manipulados, tornando-se “corpos doces”, para que houvesse a manutenção do sistema. A busca de Januário pelo sindicato também ameaçava o poder estabelecido pelo patrão, uma vez que era o único mecanismo que poderia assegurar à classe trabalhadora os direitos conquistados pela Consolidação das Leis Trabalhistas e, dessa forma, seus líderes deviam ser eliminados.

Conforme argumenta Rocha (2008), baseando-se em Andrada (2005), os coronéis representavam as elites locais da região sul cacauceira, no final do século XIX e início do século XX e tinham como função manter a ordem no interior da sociedade, eram, portanto, um elemento de equilíbrio na sociedade. Tinham muita força pela posição econômica e pela liderança que exerciam junto a outros fazendeiros, ou devido à tradição de sua família ou de sua esposa. Em *O patrão*, o fazendeiro Francisco aconselha o Sr. Casimiro: “– Se você quer gente boa lá de casa mando um para fazer um festejo... Vem trabalhar de vaqueiro aqui, puxa uma discussão num fundo de manga e empacota ele para o inferno. É num fechar e abrir de olho” (NETO, 1978, p. 43).

É nesse clima de tensão e violência que as narrativas acontecem. A partir do décimo segundo capítulo de *O patrão*, o narrador surpreende o leitor ao descrever minuciosamente a tocaia<sup>5</sup> armada por Tomás para matar seu patrão. O tiro era para ser fatal, no entanto, acaba por vazar os olhos do Sr. Casimiro, que cai do cavalo e rasteja pela mata fechada durante três dias, temendo que seu inimigo viesse finalizar o serviço.

Gradativamente, à medida que o fazendeiro, com os seus olhos vazados, tateia a terra, embrenhando-se cada vez mais no matagal, o leitor é levado a se embrenhar também na narrativa tão bem construída e a mergulhar nas angústias do patrão e do trabalhador. Ironicamente, a mata cerrada que representava parte de seu poderio econômico, mil

<sup>5</sup> Muito utilizado na linguagem da região cacauceira para designar emboscada; cilada; armadilha; espreita ao inimigo ou caça (nota da pesquisadora).

hectares em mato, dos quais muito se orgulhava e conservava sem repartir ao menos com aqueles que precisavam para construir seus casebres, tragava-o cada vez mais, não possibilitando a sua saída daquela situação de cegueira e sofrimento físico e, sobretudo, psicológico.

A morte lenta e purgativa é como se fosse o tempo que o autor queria dar ao proprietário para se arrepender de toda a exploração que cometeu durante a sua vida (CESAR, 2003). O leitor pode entender que serviria também como punição que o autor não dera a Sr. Jorge, em *Os magros*, por ter roubado as terras do pai de João e tê-lo assassinado. Grande era o seu sofrimento:

Senhor Casimiro já não se mantinha de pé. Arrastava-se. Em cada mato topava um inimigo. Naquelas terras boas de capim, o penão nascia a cada passo. E tocar-lhe o caule, o coco ou a folha seca caída na terra não era melhor que pisar em brasa viva. Nas veredas abertas pelos carreiros nasciam os calumbis<sup>6</sup> afiados em pequenos podões. Uma vez atingida a pele assemelhava-se a anzóis [...]. Naquela escuridão, a mata se povoava de luís-cacheiros que soltavam as agulhas amarelas. Aquelas armas roliças tinham pontas escuras que, uma vez na carne da vítima, iam entrando, entrando, furando, vivas, que nenhum alicate as arrancariam [...]. Naquelas carnes abertas, sangrentas, empapadas, as agulhas de fogo não encontrariam dificuldades, viajando pelos músculos. Achando o caminho livre, certamente iriam até topassem um osso [...] (NETO, 1978, p. 91-92).

Garantido o suspense ficcional, o narrador em 3ª pessoa cede lugar, apenas no penúltimo capítulo, ao narrador em 1ª pessoa. Traz, assim, as lembranças dos fatos significativos e ressignificados em lembranças marcantes do Sr. Casimiro, numa espécie de reconhecimento e arrependimento do seu próprio orgulho, dos seus erros, motivos que o levaram a uma morte que o purificaria de suas atitudes egoístas em vida. Destarte, as narrativas, “se construídas na e pela linguagem, portam visões sociais de mundo e a partir delas é sempre possível perceber relações de poder, tensionamentos culturais, dis-

<sup>6</sup> Mato cheio de espinhos encontrado nas roças.

putas de sentido” (CARVALHO, 2013, p. 53). As convicções marxistas e socialistas do escritor marcaram a sua vida política e literária, razão pela qual sua literatura valoriza tipos humanos, a exemplo de João, Tomás, Felipe, Sarará, Januário, representantes de minorias.

Então, percebe-se que, por meio das narrativas supracitadas, Euclides Neto representa a saga da gente que povoou e povoa a região cacauera do sul da Bahia, evidenciando os jogos do poder, as tensões pela terra. Em *Os magros*, na figura do agregado João, representa a má sorte do homem supostamente livre, muito mais oprimido, indefeso e incapaz de reagir, uma vez que possui uma consciência subordinada, pois faz e aceita, sem questionar, as atividades e funções subalternas. Ao passo que, n'*O patrão*, após dezessete anos da produção do primeiro livro, Euclides traz a representação de agregados que resistem às imposições da classe dominante, estabelecendo um contraponto entre as duas obras, mas com o mesmo viés ideológico do escritor.

Diante do exposto, percebe-se que Euclides Neto toma a história como uma possibilidade criativa, ao analisar subjetivamente os fatos históricos ocorridos na região cacauera do século XX em seus textos ficcionais, haja vista que enfoca parte do seu passado, de suas memórias individuais e coletivas, para reconstruí-las, partindo do seu presente crítico, e não para conservá-las como uma “verdade absoluta” que se deve preservar a qualquer custo, e fixá-las.

Desse modo, infere-se que, conforme a concepção nietzschiana em sua *Segunda Consideração Intempestiva*: sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida (2005), o autor baiano propõe uma história a serviço da vida, posicionando-se criticamente, construindo e reconstruindo o próprio ser, e, nesse sentido, consegue “transformar e assimilar as coisas passadas ou estranhas, curar suas feridas, reparar suas perdas, reconstruir por si próprio as formas destruídas” (NIETZSCHE, 2005, p. 73).

## DIALOGUES BETWEEN *OS MAGROSE O PATRÃO*: REPRESENTATIONS AND POWER

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the novels *Os magros* (1992) and *O patrão* (1978), the South Bahia author Euclides Neto (1925-2000), on the theme of representations of grapiúnas rural workers, as well as the interrelation of these representations to the history and power relations. Therefore, it's used, methodologically, the transversal approach of the literary text proposed by Cultural Studies. The theoretical framework is developed building on the theoretical discussions of Hall (1997), whose meaning representation refers to a process of symbolic, ideological and mental construction that is shared socially; Foucault (2014), considering their discussions of disciplinary power in capitalist societies; and Nietzsche (2005), about the history. It's concluded that Neto's narratives enable perceive the other, the rural worker, subordinate, in the cultural and historical context of South Bahia cocoa region of the twentieth century, through the Marxist perspective.

**KEYWORDS:** History; Power; Representations.

### REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sandra. Prefácio: Apresentando Spivak. In: SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina G. Almeida; Marcos P. Feitosa e André P. Feitosa. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014. P. 13-14.
- CARVALHO, Carlos Alberto de. Apontamentos teóricos e metodológicos para compreender as vinculações sociais das narrativas. In: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de (orgs.). *Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas*. São Paulo: Intermeios, 2013.
- CIDREIRA DE JESUS, Rosângela. *O coronel e o trabalhador: a identidade cultural cacauceira nos romances Terras do Sem Fim, de Jorge Amado e Os Magros, de Euclides Neto*. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagens e Representações) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2011.
- CESAR, E. *O romance dos excluídos: terra e política em Euclides Neto*. Ilhéus: Editus, 2003.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução de Ruth Joffily e Edmundo Fernandes Dias. 1ª ed. Rio de Janeiro. Ed. Rio, 1976.
- DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. Disponível em [www.aulete.com.br/agregado](http://www.aulete.com.br/agregado). Acesso em: 14 nov. 2014.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização, Introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado. 28 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (org.) *Representation*. Cultural representation and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

\_\_\_\_\_. *Da diáspora*. Identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

NETO, Euclides. *O patrão*. Salvador, BA, 1978.

\_\_\_\_\_. *Os magros*. 2. ed. São Paulo: Guena&Bussius, 1992.

\_\_\_\_\_. *Dicionareco das roças de cacau e arredores*. 3. ed. rev. e ampl. Salvador EDUFBA; São Paulo: Littera e Criações Ltda, 2013.

NIETZSCHE, Frederich. *Segunda Consideração Intempestiva*: Sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida. In: Escritos sobre a História. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2005.

NORA, Maria Luíza. Apresentação da terceira edição (2007). In: NETO, Euclides. *Os magros*. 4. Ed. Ver. - Salvador: EDUFBA; São Paulo: Littera Criações Ltda., 2014

ROCHA, Lurdes Bertol. *A região cacaneira da Bahia – dos coronéis à vassoura-de-bruxa*: saga, percepção, representação. Ilhéus: Editus, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é Literatura*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1993.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tadeu Tomaz da (org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2008.

*Recebido em 16/06/2015.  
Aprovado em 15/10/2015.*